



Impressão Fine Art

Carlos Alexandre Pereira

Fotografia Fine Art e impressão Fine Art são duas coisas distintas. Fotografia Fine Art é um assunto controverso e subjetivo, sobre o qual eu já comentei no meu blog¹. Impressão Fine Art é uma técnica estabelecida e com regras razoavelmente claras. Nesse artigo vou me concentrar apenas no assunto “Impressão Fine Art”. Não pretendo detalhar aqui, todos os aspectos de impressão Fine Art, apenas esclarecer este conceito e indicar o caminho para quem quiser estudar e se aprofundar nesta técnica de impressão.

Apesar da fotografia, ao longo de sua história, ter sido reconhecida como uma forma de arte; até alguns anos atrás ainda era vista como o patinho feio das artes, não sendo considerada como parte do seleto grupo das Belas Artes. Não só pela sua curta existência, comparada com a escrita, pintura, escultura, e outras formas de artes já existentes por algumas centenas ou milhares de anos. Mas também pela curta “expectativa de vida” de uma fotografia. A fotografia até então durava muito pouco tempo; em alguns anos já apresentava sinais de degradação que outros objetos de artes não apresentam com centenas, até milhares de anos de vida.

Um objeto de arte para ser valorizado, precisa ser artisticamente valioso, exclusivo de alguma forma e, ser duradouro. A fotografia pode ser artisticamente valiosa e exclusiva, mas infelizmente não era duradoura. Infelizmente, a lógica por trás desse argumento está inteiramente baseada nas regras de mercado, e não em aspectos culturais. *C'est la vie.*

Com o invento recente de técnicas de impressão muito precisas, usando tintas baseadas em pigmentos minerais e papéis a base de algodão, se tornou possível a produção de fotos que durem pelo menos uma centena de anos ou mais. Essas técnicas de impressão avançadas são a base da

¹ <http://calexandrep.com/2013/04/22/o-que-fotografia-fine-art/>

impressão Fine Art, que possibilita a fotografia alcançar o mesmo patamar das Belas Artes. Aliás, a tradução adequada de “Fine Arts” em português seria “Belas Artes”.



Holocaust Memorial – Carlos Alexandre Pereira

Mas a ideia aqui é aprofundar o assunto das impressões Fine Art, então vamos a ela. Com a ajuda de profissionais do ramo, experientes e altamente qualificados, tentei sintetizar os aspectos principais da impressão Fine Art e principalmente, como nós fotógrafos devemos interagir com essa etapa tão importante do processo que vai desde a captura da imagem até a exposição da mesma.

Eu contei com a ajuda de Clício Barroso, Marina Neder e Alex Villegas nesse artigo. O Clício é, entre outras coisas, um fotógrafo renomado de editorias

de moda e publicidade, autor de livros sobre Adobe Lightroom e, sócio-proprietário do ADI – Atelier de Impressão. A Marina é sócia-proprietária do Estúdio 321, especializado em tratamento, digitalização e impressão de imagens. E o Alex é fotógrafo e retocador especializado em moda e retrato, ministra workshops e cursos sobre fotografia e retoque, além de autor do livro “O Controle da Cor - Gerenciamento de Cores para Fotógrafos”.



Pont de l'Archeveche – Carlos Alexandre Pereira

A primeira questão a ser entendida é tecnológica. Como dito anteriormente, foi o invento recente de novas tecnologias que permitiram a fotografia impressa alcançar esse novo patamar de qualidade e durabilidade. Segundo a Marina, “os materiais que possibilitam a durabilidade já estavam disponíveis e eram utilizados, há muito tempo nos

trabalhos artísticos. O grande diferencial foi conseguir a resolução necessária para a reprodução fotográfica e a precisão no gerenciamento de cores para que os resultados pudessem ser controlados e reproduzidos com fidelidade.” Ou seja, os avanços tecnológicos foram apenas na qualidade das impressoras jato de tinta e nas tintas utilizadas por estas impressoras.

O outro componente desse conjunto são os papéis utilizados. Papéis especiais e a base de algodão já existem a centenas de anos, mas somente agora, eles estão sendo utilizados na impressão de fotografias. A razão para essa demora também foi explicada pela Marina. *“Os papeis de algodão, assim como os de celulose, são materiais porosos e de absorção variada, dependendo da fibra e da trama. O diferencial foi o ‘coating’ (revestimento) que é aplicado na superfície dos papéis, possibilitando um controle do espalhamento das gotas de tinta (ganho de ponto), permitindo a impressão em alta resolução. Além disso, o ‘coating’ tem a função de fixar melhor a tinta aumentando a resistência e durabilidade das impressões feitas nos papéis preparados para jato de tinta.”*

Tecnologia nova, papéis novos, as mudanças no processo de impressão jato de tinta foram bastante significativas. Como isso afeta a nós, fotógrafos? Precisamos mudar a nossa forma de trabalho para acompanhar essas mudanças? Sim, precisamos, mas nada muito radical. Os profissionais consultados concordam plenamente nos cuidados básicos que precisamos ter durante a captura de imagens para usufruir mais tarde de todos os benefícios que a impressão Fine Art oferece.



Inside Edinburgh – Carlos Alexandre Pereira

Todos foram enfáticos em afirmar que quanto melhor a qualidade da imagem capturada, mais fácil fica o processo como um todo. Fotografar sempre em RAW é essencial para garantir essa qualidade desde o momento da captura. A Marina sugere o uso de boas objetivas e não abusar de ISOs altos. O Clício acrescenta que trabalhar com a exposição favorecendo a claridade da imagem ajuda depois no processo de edição, pois recuperar informações de áreas escuras é mais difícil quando se tenta evitar o surgimento de ruídos na imagem. Por outro lado, o Alex adverte que por melhor que seja o sistema de impressão e o papel escolhido, as perdas de informação são inevitáveis. As impressoras não são capazes de reproduzir todos os detalhes nas extremidades nem das áreas escuras, nem das altas luzes. Portanto, trabalhar no limite da latitude da câmera pode não ser uma

boa ideia quando se tem a impressão como objetivo final. Segundo o Alex, uma imagem um pouco menos contrastada, menos saturada e com mais informação, é uma matriz perfeita para ser impressa.

Durante o processo de pós-produção da imagem, o ideal é manter essa qualidade da informação obtida durante a captura e quando precisar salvar a imagem em outro formato que não o RAW para usar em algum software de edição de imagens, utilizar o formato TIFF e o espaço de cor Prophoto 16 bits ou então, AdobeRGB 8 bits. O espaço de cor Prophoto 16 bits é mais amplo que os formatos AdobeRGB e sRGB, e trabalhando com arquivos 16 bits, preservamos a qualidade da informação capturada. Se não for possível, o ideal é usar o espaço de cor AdobeRGB, mais amplo que o sRGB, com arquivos de 8 bits. Apesar de não ser tão rico em informações quanto o conjunto Prophoto 16 bits, o AdobeRGB 8 bits também preserva as informações necessárias para que qualquer equipamento, seja ele monitor ou impressora, sejam utilizados nos limites máximos de suas especificações, além de ser um formato padronizado mundialmente.

Quando se trata de captura de imagens já impressas, ou seja, digitalização para futura impressão, a Marina recomenda digitalizar sempre dentro da resolução óptica do scanner, sem interpolações, em 16 bits e sem clipping (perda de informação nas altas e baixas luzes). A melhor digitalização é quando se preserva toda a informação que o original tem.

Espaços de cores, formatos de arquivos, monitores, papéis, são muitos os aspectos técnicos que interferem no fluxo ideal de trabalho desde a captura até a impressão da imagem final. Conhecer sobre gerenciamento de cores é fundamental para um fotógrafo hoje em dia. Pessoalmente eu recomendo o livro do Alex Villegas, já li e aprendi muito sobre o assunto com ele. Todas

essas informações serão úteis durante as etapas de pós-produção, como por exemplo, saber como relacionar a imagem vista em monitores com a imagem impressa.



Snow Field– Carlos Alexandre Pereira

A Marina aborda essa questão quando questionada sobre os cuidados necessários durante a pós-produção das imagens. *“Para imprimir uma imagem, precisamos sempre fazer uma transposição entre realidades, pois as imagens normalmente são vistas em monitores, em uma realidade de luz emitida com alto contraste e depois serão impressas em papel, onde a luz é refletida, fazendo com que o contraste máximo possível seja muito menor do que o possível na tela. Além disso, a maior parte das pessoas ainda trabalha sem calibrar o monitor, o que faz com que o que é mostrado nem sempre corresponda ao que o arquivo é numericamente de fato e fazendo com que o tratamento interpretativo que o fotógrafo faz não corresponda à realidade do arquivo. Neste caso temos sempre que vistoriar o arquivo em um monitor calibrado para nos certificarmos de que o arquivo bate com a expectativa criada pelo fotógrafo dentro do seu fluxo de trabalho. Uma vez acertado o resultado temos que fazer um ajuste com a simulação do perfil do papel que será usado, feito especificamente para a impressora que será usada, para podermos prever as mudanças que teremos nesta transposição*

de realidades e ter o resultado mais próximo possível da expectativa do fotógrafo no material escolhido. Além disso, existe o tratamento interpretativo que é feito junto com o fotógrafo para conseguir tirar o máximo da imagem, dentro da proposta de leitura pretendida e que, de preferência, deve levar em conta o material de saída para não gerar uma expectativa que não pode ser correspondida na saída final.”

O Clício, como fotógrafo experiente e autor de livros sobre Lightroom e Photoshop, dá dicas mais práticas sobre o processo de edição. Começando com a captura em RAW, usando o Lightroom para edições iniciais de ajustes tonais, luzes e cores, o arquivo permanecerá no formato RAW. Caso seja necessário a exportação do arquivo para o Photoshop ou algum plug-in a fim de realizar mais ajustes/edições, o ideal é usar o formato TIFF, no espaço de cores Prophoto 16 bits. Se o software de edição de imagens ou plug-in utilizado não aceitar este formato, que seja exportado então em TIFF, no espaço de cores AdobeRGB 8 bits.

Clício alerta ainda que o formato JPEG não deve ser utilizado nesse processo, pois esse formato é um formato de saída, ou seja, de destinação final para o arquivo. Por exemplo, para o envio desta imagem para exibição na web ou em monitores. JPEG não é um formato adequado para tarefas de pós-produção (tratamento e impressão de imagens), para isso deve ser usado formatos como TIFF ou PSD.

Imagem tratada, arquivo finalizado, pronto para impressão. Qual tipo de papel usar? São vários os tipos de papéis a disposição hoje em dia, escolher o papel adequado para cada imagem não é tarefa fácil e o melhor é pedir ajuda aos especialistas, os impressores.



Stacked Doors– Carlos Alexandre Pereira

O Clício explica que existem papéis adequados para cada tipo de imagem. Imagens P&B onde o preto é mais denso, o melhor é usar papéis com uma capacidade de reprodução do preto mais eficiente, para que detalhes nas sombras não sejam perdidos e a parte escura da imagem não se torne uma mancha preta. Para imagens muito coloridas, com alta saturação, é necessária a escolha de papéis que tenham a versatilidade necessária para reprodução de altos contrastes, papéis esses que podem não ser os mais adequados para imagens onde os tons pastéis predominam. E todas essas escolhas podem ser feitas ainda usando papéis foscos, semi-brilho ou brilhantes.

O Alex complementa dando sua receita pessoal: *“No meu caso, ao conceber a série ou o tipo de foto, penso em contraste, cores, escala, sensação ao toque, necessidade e tamanho do passe-partout, cor da moldura, tipo de vidro. Se a ideia é um retrato PB de altíssimo detalhamento, vou acabar optando pelo papel que me dê maior sensação de resolução, em uma impressão grande. Provavelmente um papel baritado², quase azulado de tão branco, mais lustroso. Agora quando trabalho em cor, minhas paletas são de tons bem pastéis, então a capacidade do papel de suportar detalhe em tons mais saturados não faz diferença nenhuma; e em cores acabo por gostar de papéis não tão brancos como o baritado. Papel de algodão normal faz o trabalho muito bem em impressões grandes; em pequenos acabo preferindo papéis menos texturizados, mas que seguram mais o detalhe, e por aí vai. Nesses casos, testes são indispensáveis, e já gastei uma bela grana na vida fazendo impressões que não servem para nada a não ser acumular a experiência necessária para essas decisões. Já em relação ao acabamento, o raciocínio é mais espacial. Quando a ideia é uma impressão realmente grande, normalmente uso um passe-partout pequeno, isso se usar. Quando são impressões pequenas que serão penduradas juntas, uso passe-partout grande, porque aí mesmo se as impressões forem penduradas lado a lado, o passe-partout grande garante o espaço em branco que a imagem precisa para respirar.”*

Tudo isso levando em consideração que estamos falando de imagens avulsas. Se as imagens em questão foram para uma exposição com um tema comum, ou uma série de imagens onde todas estão relacionadas, o ideal é a escolha de um papel único que atenda da melhor forma possível todas as

² Papel baritado é um papel coberto com uma camada de sulfato de bário, também conhecido como barita.

imagens do conjunto. Isso para que as imagens quando expostas em conjunto, o que é o mais provável nesse caso, mostrem uma uniformidade na apresentação.



Striped – Carlos Alexandre Pereira

Enfim, impressão Fine Art é uma ciência, bem distante do tempo em que existia apenas um tipo de papel fotográfico a disposição, ou das antigas deskjets. A busca pelo conhecimento sobre o assunto é fundamental para que suas imagens sejam capturadas e tratadas corretamente possibilitando assim uma impressão com alta qualidade. E no momento da escolha do papel e impressão, a ajuda dos profissionais especializados, os impressores, é sempre bem-vinda.

Finalmente temos nossa imagem impressa, e agora? A qualidade da tinta e do papel são primorosas e garantem uma durabilidade da imagem de 100 anos pelo menos, mas e se rasgar? Pode não durar nem 5 minutos não é mesmo? A impressão precisa ser bem cuidada, manuseada e armazenada segundo padrões também museológicos, caso contrário, agentes externos irão causar a degradação da impressão, independentemente da qualidade da tinta e do papel.

Não é uma exigência, mas o uso de moldura para proteger a impressão é uma boa alternativa. Entretanto, o processo de colocação da impressão em uma moldura também precisa seguir critérios de qualidade precisos, a fim de garantir a preservação da impressão. Por exemplo, todos os materiais em contato com a impressão, como fitas e colas, precisam ser de PH neutro a fim de evitar a corrosão do papel com o tempo. O vidro utilizado se for bloqueador de raios UV ajudaria ainda mais na preservação da imagem. O local onde a imagem for armazenada deve ser livre de umidade e não deve ser exposta diretamente a luz do sol, entre outros cuidados necessários.

Para finalizar, gostaria apenas de fazer uma consideração. Como vimos ao longo deste artigo, impressão Fine Art é um processo que quando executado corretamente, é complexo, preciso e produz resultados primorosos. Evidentemente o custo deste processo não é baixo, visto o envolvimento de profissionais competentes e o uso de equipamentos e materiais de alta qualidade. Portanto, quando se têm uma imagem pronta para ser impressa, acho imprescindível fazer alguns questionamentos, tais como:

1. Qual a finalidade desta impressão? Prova de conceito, uso pessoal, presente, exposição, venda?

2. Avaliando a qualidade da imagem e a finalidade da impressão, é viável, ou é necessária uma impressão no padrão Fine Art?



Salt House – Carlos Alexandre Pereira

A questão que muitos estão levantando e eu concordo, é a seguinte: será que toda imagem produzida atualmente requer uma impressão de alta qualidade como a impressão Fine Art? Será que todas as imagens impressas atualmente precisam durar 100 anos ou mais?

Se o autor ou proprietário da imagem julga necessária uma impressão Fine Art, é um direito dele, evidentemente, mas não é, ou não deveria ser, absolutamente, uma exigência de mercado ou da comunidade de profissionais e consumidores de fotografias impressas.

Acho importante essa consideração final para esclarecer que apesar de considerar a impressão Fine Art o padrão máximo de qualidade em termos

de impressão de imagens atualmente, reconheço que cada situação pede uma solução e nem sempre o padrão máximo de qualidade é necessário ou o mais adequado.

- X - X -

Carlos Alexandre Pereira, PMP, Fotógrafo

Tel.: +55 19 981-557-911

Email: calexandrep@capfotografia.com

Skype: calexandrep@hotmail.com

www.celaxandrep.com

www.capfotografia.com

www.feaditora.com

